

Livro-reportagem Resistência: relatos de vivências durante a ditadura militar em São Borja¹

Manuella Sampaio da Silva²

Sara Alves Feitosa³

Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) São Borja/RS

Resumo

O presente trabalho, elaborado como produção final do curso de Comunicação Social Habilitação em Jornalismo da UNIPAMPA, tem o propósito de resgatar as memórias dos sujeitos que viveram e resistiram de diversas formas ao regime militar (1964-1985) na cidade de São Borja/RS. Através da construção de grandes reportagens divididas em cinco capítulos, buscamos trazer à luz dos fatos acontecimentos desta época que até então não obtiveram visibilidade quando nos referimos a esta temática. Na mesma cidade que é conhecida como “Terra dos Presidentes”, onde nasceram Getúlio Vargas e João Goulart, viveram e vivem pessoas anônimas que possuíam vínculos de militância e que, da mesma forma, porém sem a mesma repercussão que os líderes políticos e personalidades brasileiras da época, participaram deste período histórico e sofreram com suas mazelas.

Palavras chave: Livro-reportagem; Resistência; Ditadura militar; São Borja.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho⁴ consiste em um livro-reportagem que contém 138 páginas e é dividido em cinco capítulos onde se buscou contar determinados acontecimentos do período de regime militar (1964-1985) na cidade de São Borja/RS. O método utilizado para a produção foi a realização de entrevistas, pesquisa em jornais da época e nas atas da Câmara Municipal. Inicialmente, apresentamos um panorama da história da cidade e de sua realidade durante o regime militar. A partir disto, foram inseridos os entrevistados que contribuíram para o projeto contando suas vivências e elucidando pontos obscuros da história desse período nesta localidade. Pontos estes que versam sobre o movimento estudantil, grupos de resistência como o *Grupo dos Onze*, prisões e torturas que ocorreram com são-borjenses e com pessoas que não nasceram no município, mas que possuíam forte

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro-reportagem (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 8º Semestre do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, email: manu.ella.30@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da UNIPAMPA, email: sarafe99@hotmail.com

⁴ Disponível no link: http://issuu.com/manuellasampaio/docs/vers_o_final_livro-reportagem

ligação com ele. Por fim, encontram-se as considerações finais, um espaço onde eu, a repórter, procurei compilar em palavras todo o conhecimento absorvido e algumas percepções sobre tudo que foi investigado e relatado.

O livro-reportagem foi desenvolvido como trabalho final de graduação e teve a intenção de contribuir com a compreensão de mais de duas décadas de ditadura e seus desdobramentos na cidade de São Borja, principalmente no que diz respeito à trajetória das pessoas que o viveram de forma intensa. A escolha da cidade como objeto da investigação se deu por três principais critérios: 1) Viabilidade de execução do projeto, levando em consideração o tempo disponível para realização da pesquisa, da coleta de dados e das entrevistas; 2) Ausência de relatos e fontes bibliográficas sobre a temática no município; 3) A delimitação geográfica também realizou-se a partir de pesquisa prévia, onde foi possível constatar que a perseguição política esteve presente em São Borja de forma intensa, pois esta era considerada Área de Segurança Nacional, onde a tensão social era mais frequente.

Não se pretende afirmar que a ditadura neste município tenha sido diferente do restante do Estado ou até mesmo do país, mas sim trazer, através de elementos informativos, bem como com o relato das vivências dos entrevistados, as particularidades desse período em âmbito local. Trata-se de uma ressignificação da memória daqueles que combateram o regime militar, descrevendo, sob diversos aspectos, as percepções de vida e militância que estes possuíam, o modo como resistiram, as interrupções que tiveram em suas vidas e os recomeços que construíram posteriormente.

2 OBJETIVO

Este trabalho buscou dar visibilidade à vivência dos exilados e perseguidos políticos de São Borja, e aos processos que esse período implicou na vida destes sujeitos, bem como na realidade local e nacional de ditadura militar. Para chegarmos a este objetivo foi necessário sistematizar, a partir dos relatos, quais eram as organizações políticas a que pertenciam, relatar como se deram as intermediações e o primeiro contato com o estrangeiro, em que circunstâncias ocorreu a saída do país para cada exilado e a busca pelo asilo político.

3 JUSTIFICATIVA

Em 1964, foi instaurado um regime ditatorial no Brasil através da deposição do então presidente João Goulart. Este regime durou 21 anos, até 1985, e decretou 17 Atos Institucionais até 1969. Estima-se que tenham sido mortas cerca de 379 pessoas e duas mil tenham sido exiladas durante o período. Somente no final da década de 1970, a abertura política iniciada pelo General Ernesto Geisel mostrou-se efetiva através da Lei de Anistia de 1979. No entanto, apenas em 1985, foi novamente instaurado um regime democrático. Nas cidades que eram consideradas Áreas de Segurança Nacional, como foi o caso de São Borja, a perseguição se deu de forma aguda e constante fazendo com que muitas pessoas tivessem de deixar o país ou vivessem na clandestinidade.

Neste ano de 2014, completam-se 50 anos em que todos estes acontecimentos sucederam, uma data importante para refletirmos sobre um passado ainda bem próximo de nós. Os países latino-americanos, hoje, assumem e se responsabilizam pelos crimes cometidos em suas recentes épocas militares. No Brasil, atuam órgãos estaduais e federais, tais como a Comissão de Anistia, de 2001, e a recente Comissão da Verdade, de 2011, que refletem sobre as questões políticas do século XX. Este trabalho pretende se inserir nesta temática, relacionando-a com a realidade local.

Os mais atingidos pelo aparelho político-repressivo do Estado foram os militantes. Estes, de alguma forma, precisaram criar um ponto de fuga do terror estatal, indo muitas vezes para o exílio forçado, afinal, se permanecessem no Brasil seriam presos. Com isto, o exílio se constitui em algo que provoca o isolamento do sujeito, se cristalizando como um instrumento do próprio aparato ditatorial (MARQUES, 2011). Longe dos líderes políticos que se exilaram, tais como governadores, deputados e até mesmo o Presidente da República, estas pessoas se afirmaram ideologicamente durante seus exílios e neles criaram focos de discussões e resistência à ditadura. Na fronteira Brasil-Uruguai-Argentina – nosso campo de estudo – muitos chegaram a morar em hotéis, aguardando o retorno para casa. Por isto, este trabalho justifica-se pela necessidade de dar visibilidade ao período que estas pessoas viveram enquanto eram perseguidas e presas no Brasil, ou enquanto não podiam voltar à sua pátria e, mesmo depois de retornarem, buscamos mostrar qual foi o choque de culturas que tiveram, ainda que voltassem ao país de nascimento e atividade política.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O gênero livro-reportagem não é datado de surgimento, no entanto, a reportagem em livro surgiu na Europa como um subgênero da literatura no século XIX. No Brasil, a

primeira obra a ser caracterizada dentro do gênero foi o relato de Euclides da Cunha em *Os Sertões*, de 1897 (BELO, 2006). Eduardo Belo, ao pesquisar sobre este tipo de produção, considera que o livro-reportagem “é o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa, também, a mídia mais rica – com a exceção possível do documentário audiovisual – em possibilidades para a experimentação” (BELO, 2006, p.41). O livro-reportagem também tem como diferencial o desenvolvimento de uma abordagem e um estilo próprio do jornalista que, através do tempo e do espaço que o desenvolvimento desta produção proporciona, poderá se aprofundar no tratamento do texto e na construção da narrativa, visto que o espaço para abordar o tema escolhido é bem maior e mais propício para desenvolvê-lo do que em uma reportagem formatada para um periódico, bem como o tempo que se tem, mais extenso para a reflexão e aprofundamento na coleta de dados e posteriormente na escrita. Em decorrência destes dois fatores, o jornalismo empregado na construção de uma publicação em livro se caracteriza como interpretativo, pois usa de pesquisa e resgate histórico para revelar o sentido e o rumo dos acontecimentos ao leitor, dando-lhe suporte para formar um entendimento sobre determinado assunto, como explica Belo:

Jornalismo interpretativo não é opinião, ajuda a formar opinião sem opinar diretamente – ele consiste em agregar informações, sobretudo, históricas, aos acontecimentos recentes, estabelecer correlações entre os fatos, relatar precedentes e antecipar consequências [...] interpretar, portanto, é garantir que o leitor tenha dados suficientes, com o máximo de objetividade para chegar a um resultado plausível com base no que acabou de ler. (BELO, 2006, p.46)

Um dos primeiros pesquisadores no Brasil a desenvolver conceituação sobre o livro-reportagem foi Edvaldo Pereira Lima, que traz como resultado de sua tese de doutorado, um livro base para entender esse gênero de publicação. Segundo ele, o livro-reportagem se distingue dos demais tipos de livro por três condições essenciais: conteúdo, tratamento e função (LIMA, 2004). Seguindo estes critérios, o conteúdo da produção apresentada neste relatório foi construído com base na realidade local e regional sob a égide do regime militar, tão pouco explorada até então nos livros que abordam a temática. Utilizou fatos reais, através da coleta e seleção dos depoimentos, para dar visibilidade e ressignificar acontecimentos passados. Para o autor, este tipo de temática focaliza um assunto do passado recente ou algo mais distante no tempo. O tema, porém, tem, em geral, algum elemento que o conecta com o presente (LIMA, 2004). Aqui o propósito foi, portanto, um livro-reportagem de caráter histórico e documental. Sobre essa especificidade do gênero, Pessa (2009) considera que,

para entender a contemporaneidade, o livro-reportagem avança no tempo histórico, “ressuscitando” o pretérito, que ganha sobrevida e é reatualizado em seus significados. Tais procedimentos aproximam o jornalismo praticado no livro-reportagem da história, o que não acontece de forma acidental, pois o exercício do jornalismo literário estampado no suporte livro está sempre aberto ao diálogo e apropriação de recursos das ciências humanas e sociais. (RAVANELLI, 2009, p.03)

Quando trabalhamos com resgate histórico, temos consciência de que este fator nos remete à identidade e à memória das pessoas que contribuíram politicamente e socialmente para o país, na medida em que se tornaram resistência ao período militar. A memória também é uma fonte histórica, e como tal, desafia à reconstituição e retomada de assuntos, épocas, fatos, e mais, induz à discussão sobre nossa atual sociedade, nossa pós-modernidade sempre em busca de identidades. João Carlos Tedesco pontua a importância de se tratar de temas que carregam a memória como base:

A memória hoje é fundamental porque a sociedade da informação, da técnica e da racionalidade econômico-consumista faz o tempo andar mais rápido – fala-se em tempo real – e dá funcionalidades diferentes aos espaços e às coisas; os objetos perdem significação mais depressa, possuem reduzido seu tempo de duração e significação. A esfera da memória e dos depoimentos orais, genealógicos e biográficos está contribuindo em muito para o campo de análise histórica, ligando temporalidades, fazendo-as se entrecruzar, bem como resgatando atores sociais silenciados, dimensões do real muito pouco visíveis. (TEDESCO, 2002, p. 67)

No que diz respeito à produção textual, o livro-reportagem utilizou elementos do jornalismo literário para dar pontos de conexão e ao mesmo tempo leveza ao texto. Pena (2008) conceitua o jornalismo literário como um potencializador dos recursos do jornalismo, pois,

significa ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2008, p.13)

Como se diferencia do texto escrito para jornal pelo seu aprofundamento, o tratamento do tema se deu com o objetivo da permanência, ou seja, não será efêmero ou superficial, pois tem o intuito de contribuir na construção ou ressignificação da memória coletiva e ser fonte de consulta sobre a temática no que diz respeito à particularidade da região ou localidade.

Sobre a reportagem em profundidade ou grande reportagem, metodologia que foi aplicada neste trabalho, Kotscho (2007) esclarece que este é o tipo de reportagem que mais exige investimentos, tanto da percepção humana quanto da questão financeira e que, por

isso, cada vez menos profissionais se arriscam na tarefa de produzi-la (KOTSCHO, 2007). Desta forma, foi também um desafio desenvolver todas as etapas que implicam a produção de um livro-reportagem.

Todas as formas de se fazer jornalismo devem prescindir de investigação, apuração e pesquisa, contudo, o jornalismo investigativo abrange questões mais profundas dentro da prática jornalística, pois os métodos de pesquisa e as estratégias operacionais são diferentes. Dines (1986), ao conceituar o jornalismo investigativo, observa que, assim como o jornalismo interpretativo, ele tem a função de investigar sobre as causas e origens dos fatos, buscando também a relação entre eles, oferecendo uma explicação sobre seu contexto e sua ocorrência. Deste modo, a investigação jornalística empregada na construção deste livro tem como objetivo construir a narrativa através das informações e depoimentos coletados, mas também através de elementos adicionais como a pesquisa iconográfica e documental, portanto, é um gênero de trabalho que exige mais tempo e doação por parte do repórter em seu desenvolvimento. Diferentemente do jornalismo opinativo, que tem como eixo fomentar e instigar a opinião do leitor sobre determinado acontecimento ou personalidade, o gênero interpretativo, fornece os dados para que o leitor produza o sentido e a opinião sobre estes fatos. Ainda assim, parece claro que nenhuma tipologia de reportagem está completamente isenta, afinal, ao transmitir uma informação o jornalista faz escolhas, determina a temática, as palavras, os ângulos. Todos estes aspectos carregam o seu olhar, sua bagagem cultural e, por fim, não se desvinculam de suas convicções.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

As atividades desenvolvidas no processo de criação do livro-reportagem partiram de uma pré-produção onde primeiramente se elaborou a pauta para definir qual seria o direcionamento dado ao tema. Nesta fase, definimos que seria abordado dentro do contexto histórico da cidade de São Borja. Em um segundo momento, foi realizada a pesquisa das fontes e a delimitação do material que seria pesquisado (atas da Câmara e jornais). A partir desta etapa, ocorreu o agendamento das entrevistas e a elaboração de um roteiro de perguntas que guiaria basicamente cada encontro com cada entrevistado. Neste roteiro, procurei elaborar questões que possibilitassem o relato da fonte sobre o contexto em que estava inserido, bem como sua percepção sobre este contexto. Também foi utilizado um termo de consentimento que ambas as partes assinaram ao final da entrevista. Neste termo, a fonte afirmava ceder a gravação de seu depoimento a este projeto e eu, enquanto repórter,

garantia o uso de seu relato apenas para os fins da construção do livro-reportagem. Durante as entrevistas, foram produzidas fotos e coletados materiais iconográficos como cartas e ou documentos.

Posteriormente, vieram as transcrições dos áudios captados e o tratamento das imagens. A etapa final consistiu na estruturação dos relatos para que configurassem narrativas de cada um dos casos e a redação do texto final. Os processos de pós-produção se deram com a criação de um projeto gráfico e a diagramação do texto em formato compatível com o projeto.

Totalizaram-se, com nove relatos, 12 horas e 30 minutos de áudio. O trabalho de transcrição foi, sem dúvida, uma etapa densa e por vezes cansativa. Na primeira etapa, quando ainda na produção do projeto, na cadeira de TCC I, realizei leituras complementares sobre a temática. Contudo, houve grande dificuldade em encontrar registros, livros ou publicações a respeito deste período na cidade. Estas são praticamente inexistentes, exceto pelos jornais da época, que são conservados em caixas de papelão e, ao mínimo manuseio, mesmo que com luvas, se esfurelam pelo estado de má conservação em que se encontram na biblioteca municipal. Também fui em busca de documentos que listassem os nomes de ex-vereadores e interventores no município. Posteriormente, realizei pesquisas na Câmara de Vereadores, onde foi possível analisar algumas das atas das sessões realizadas à época. Por ser este um material denso e numeroso, não tive a intenção de analisá-lo por completo. A ata do primeiro ano de regime, por exemplo, continha 662 páginas e era manuscrita, ou seja, a dificuldade de entendimento, bem como a quantidade de páginas, tornaria impossível a checagem de todo o acervo, o próprio fator tempo não permitiria uma leitura completa. No entanto, pude ter uma dimensão do que se publicou nos jornais, qual era o viés estabelecido pela imprensa e também como se deram as sessões na Câmara após o golpe.

A partir desta busca por referências, através da qual pouco material foi encontrado, percebi a importância de estar reunindo informações e relatos sobre este período na cidade. Entendendo que produzir o livro-reportagem pode contribuir de alguma forma para o conhecimento da própria população são-borjense sobre um trecho de sua história.

Procurei fazer a transcrição de cada entrevista logo após a realização da mesma, pois, desta forma, tanto minhas observações durante a conversa como também os detalhes da fala do entrevistado estavam frescos em minha memória.

Procurando pesquisar previamente o mínimo que fosse de informações sobre cada entrevistado, descobri que quatro, dos dez, eram advogados e quatro também ex-vereadores

da cidade. Alguns dos entrevistados que contatei sentiam-se surpresos com o tema da entrevista, talvez pelos 50 anos passados desta época, ou quem sabe porque falar dessa fase de suas vidas fosse desenterrar também ressentimentos e lembranças que, na maioria das vezes, são duras. Muitos deles ficaram desconcertados com o convite, alguns marcaram, mas não foram na data combinada, esses e outros fatores adversos exigiram que eu desenvolvesse, enquanto repórter, um certo traquejo no trato com as fontes e a persistência para continuar tentando buscá-las.

6 CONSIDERAÇÕES

Através da reportagem, foi possível vivenciar a experiência da repórter que sai em busca da informação e percorre todos os caminhos da produção de uma grande reportagem: investigar, entrevistar, transcrever, interpretar e escrever. O processo de desenvolvimento e conclusão do livro-reportagem se deu em aproximadamente oito meses de trabalho. Ao reunir depoimentos e sistematizar informações, tivemos o intuito de fomentar a reflexão crítica sobre esse período.

A metodologia de reportagem foi base para a construção dos textos, bem como para o fechamento das narrativas. As fontes foram sendo delimitadas conforme eram indicadas na pesquisa prévia que gestou o desenvolvimento do trabalho. Através da técnica chamada “Bola de Neve” (WEISS, 1994), onde um entrevistado cita nomes de outras possíveis fontes, formando assim um círculo de contatos, foi possível chegar a outros personagens que não figuravam em documentos, tais como fichas criminais dos antigos aparelhos repressivos, a exemplo do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS), atas, jornais, cartas ou fotos. A técnica é indicada quando se pretende estudar um grupo de acesso restrito cujos componentes não aparecem enumerados em uma lista para uma escolha aleatória. Uma vantagem da técnica bola de neve é que se pode monitorar uma cadeia de referências e o mesmo é possível com os dados e a verificabilidade deles.

A maioria dos entrevistados que participaram do trabalho conheciam-se por meio da militância que exerceram, das organizações que participaram, ou através de experiências de prisões e exílios. Com isso, foi possível cruzar informações e perceber as diferentes percepções que tinham sobre um mesmo fato ou contexto.

Existem, com certeza, outros nomes e outras histórias não menos relevantes que mereceriam ser abordadas no trabalho. No entanto, foi necessário fazer escolhas em função

de fatores como o tempo e o enfoque determinado para a execução do projeto. Ainda assim, acreditamos que, nos limites deste trabalho, conseguimos descortinar algumas faces da ditadura militar na cidade de São Borja, restando muitas outras a serem conhecidas e investigadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELO, E. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.
- DINES, Alberto. **O papel do jornal - Uma releitura**. São Paulo: Summus, 1986.
- KOTSCHO, R. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2007.
- LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- LIMA, E.P. **Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2004.
- MARQUES, T. C. S. **Militância política e solidariedade transnacionais: a trajetória política dos exilados brasileiros no Chile e na França (1968-1979)**. Tese (Doutorado em Ciência Política). Porto Alegre: UFRGS, 2011.
- MEDINA, C. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1995.
- PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo: contexto, 2008.
- PESSA, B. R. **Livro-reportagem: origens, conceitos e aplicações**. Regiocom, Universidade Metodista: São Paulo, 2009.
- TEDESCO, J. C. (org.) **Usos de memórias**. Passo Fundo: UPF, 2002.
- SUSSMAN, Nan M. The dynamic nature of cultural identity throughout cultural transitions: why home is not so sweet. **Personality and Social Psychology Review**, v. 4, n. 4, p. 355-373, nov, 2000.
- WEISS, R. S. **Learning from Strangers: the art and method of qualitative interview studies**. New York: The Free Press, 1994.

ANEXO

Referencial Teórico Utilizado Especificamente no Desenvolvimento do Livro-reportagem

- ARNS, Dom Paulo Evaristo. **Brasil: nunca mais**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1995.
- DINES, Alberto. **O papel do jornal - Uma releitura**. São Paulo: Summus, 1986.
- DREIFUSS, R. A. **1964: a conquista do Estado**. Petrópolis: Vozes, 1981.

FERREIRA, Jorge. **Leonel Brizola, os nacional-revolucionários e a Frente de Mobilização Popular**. In: FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Aarão (orgs). *As esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical, 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. **Brizola em panfleto**: as ideias de Leonel Brizola nos últimos dias do governo de João Goulart. *Projeto História*, São Paulo, n.36, p. 103-122, jun. 2008.

MAGALHÃES, M. D. B. **A Lógica da Suspeição**: sobre os aparelhos repressivos à época da Ditadura Militar no Brasil. In: *Revista Brasileira de História*. Vol. 17, No. 34. São Paulo: Anpuh/Humanistas, 1997. p. 203-220.

MARQUES, T. C. S. **Militância política e solidariedade transnacionais**: a trajetória política dos exilados brasileiros no Chile e na França (1968-1979). Tese (Doutorado em Ciência Política). Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MAUÉS, F; ABRAMO, Z. (orgs.). **Pela democracia, contra o arbítrio**: a oposição democrática, do golpe de 1964 à campanha das Diretas Já. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

PADRÓS, E. S. **Usos da memória e do esquecimento na história**. In: *Revista Letras*, Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM, n° 22: *Literatura e Autoritarismo*, Jan.-Jun. 2001, p. 79-95.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2. n. 3, 1989.

ROLLEMBERG, D. **Exílio**: entre raízes e radares. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1998.

SKIDMORE, T. E. **Brasil: de Getúlio a Castello**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WEISS, R. S. **Learning from Strangers**: the art and method of qualitative interview studies. New York: The Free Press, 1994.